

T. S. Eliot

Ensaio Escolhidos

Seleccção, tradução e notas
de Maria Adelaide Ramos

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

824
E42ep

Ensaio Escolhidos.



21300084452

TOMBO . : 75775



SBD-FFLCH-USP



Cotovia

As maiores dívidas não são sempre as mais evidentes; pelo menos, há diferentes espécies de dívida. A espécie de dívida que tenho para com Dante é a espécie que continua a acumular-se, a espécie que não é a dívida de um ou outro período da vida de uma pessoa. Posso dizer de alguns poetas que aprendi muito com eles numa fase específica. De Jules Laforgue, por exemplo, posso dizer que foi o primeiro a ensinar-me a falar, a ensinar-me as possibilidades poéticas do meu próprio idioma. Influências tão precoces, as influências que, digamos, primeiro dão a conhecer uma pessoa a si própria são, julgo, devidas a uma impressão provocada em nós que é num aspecto o reconhecimento de uma índole semelhante à nossa, e noutro aspecto a descoberta de uma forma de expressão que dá uma pista para a descoberta da nossa própria forma. Não são duas coisas, mas dois aspectos da mesma coisa. Todavia, não é provável que o poeta que pode fazer isto por um jovem escritor seja um dos grandes mestres. Os últimos são demasiado exaltados e demasiado remotos. São como antepassados distantes que foram quase deificados; enquanto o poeta menor, que orientou os nossos primeiros passos, é antes como um irmão mais velho e admirado.

Portanto, entre as influências, há os poetas com quem se aprendeu alguma coisa única, talvez de capital importância para a pessoa, embora não necessariamente a maior contribuição que estes poetas deram. Penso que com Baudelaire aprendi primeiro, um precedente para as possibilidades poéticas nunca desenvolvidas por qualquer poeta que escrevesse na minha própria língua, acerca dos aspectos mais sórdidos da metrópole moderna, da possibilidade de fusão entre o sordidamente realista e o fantasmagórico, da possibilidade de justaposição do terra-a-terra e do fantástico. Com ele, como com Laforgue, aprendi que o género de materiais que tinha, o género de experiência que um adolescente tivera numa cidade industrial da América, podiam ser os materiais da poesia; e que a fonte da nova poesia talvez se descobrisse naquilo que fora considerado até agora como o impossível, o estéril, o não poético intratável. Que, de facto, a obrigação do poeta era criar poesia a partir dos recursos inexplorados do não poético; que o poeta, de facto, estava comprometido pela sua ocupação a transformar o não poético em poesia. Um grande poeta pode dar, a um poeta mais jovem, tudo o que tem para lhe dar em muito poucos versos. Pode ser que eu esteja em dívida para com Baudelaire sobretudo devido a meia-dúzia de versos da totalidade de *Fleurs du Mal*; e que a sua significação para mim se resuma nos versos:

*Fourmillante Cité, cité pleine de rêves,
Où le spectre en plein jour raccroche le passant...*¹

¹ [Cidade pululante, cidade plena de sonhos, onde o espectro em pleno dia se dirige a quem passa... («Les Sept Vieillards». Tableaux Parisiens. *Les Fleurs du Mal*).]

Eu sabia o que *isso* significava, porque o vivera antes de saber que queria, por minha conta e risco, transformá-lo em verso.

Posso parecer-lhes muito longe de Dante. Todavia, não posso dar-lhes qualquer ideia aproximada do que Dante fez por mim sem falar do que outros poetas fizeram por mim. Quando escrevi sobre Baudelaire, ou Dante, ou qualquer outro poeta que tenha tido uma importância capital para o meu próprio desenvolvimento, escrevi *porque* esse poeta significou tanto para mim, mas não escrevi sobre mim próprio, escrevi unicamente *sobre* esse poeta e a sua poesia. Isto é, o primeiro impulso para escrever sobre um grande poeta é um impulso de gratidão; mas as razões pelas quais se está grato podem desempenhar um papel muito pequeno numa apreciação crítica desse poeta.

Têm-se outras dívidas, dívidas inumeráveis para com poetas, de outra espécie. Há poetas que têm estado nos recessos do nosso espírito, ou talvez lá estivessem conscientemente quando tivemos algum problema específico para resolver, para o qual algo que escreveram sugere o método. Há aqueles a quem conscientemente se tem pedido emprestado, ao adaptar um verso a uma língua, ou a um período ou contexto diferentes. Há aqueles que permanecem no nosso espírito como tendo estabelecido o padrão de uma virtude poética específica, como Villon pela honestidade e Safo por ter fixado, de uma vez por todas, uma emoção específica no mínimo e adequado número de palavras. Há também os grandes mestres, em relação a quem lentamente se cresce. Quando era jovem, sentia-me muito mais à vontade com os dramaturgos isabelinos menores do que com Shakespeare: os primeiros eram, por assim dizer, companheiros de jogos mais à minha medida. A confirmação dos grandes mestres, de que Shakespeare é um, é que a apreciação da sua poesia é uma tarefa que dura a vida inteira, porque em cada fase de maturação — e essa devia ser toda a nossa vida — se é capaz de compreendê-los melhor. Entre estes estão Shakespeare, Dante, Homero e Virgílio.

Enumerei algumas variedades de «influência» para tentar uma indicação, por contraste, do que Dante tem significado para mim. Certamente que lhe pedi versos emprestados, na tentativa de reproduzir, ou antes, de despertar no espírito do leitor a recordação de alguma cena dantesca, e assim estabelecer uma relação entre o inferno medieval e a vida moderna. Os leitores da minha *Waste Land* lembrarão talvez que a visão dos meus empregados citadinos marchando sobre a Ponte de Londres, vindos da estação de caminho-de-ferro em direcção aos escritórios, evocava a reflexão «Não pensara que a morte destruíra tantos»; e que noutro ponto modifiquei deliberadamente um verso de Dante, alterando-o — «exalavam-se suspiros breves e raros.» E dei referências nas minhas notas, para forçar o leitor que reconhecia a alusão a saber que eu pre-